

Internacionalização do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSCar): percursos e desafios

Renata Maria Moschen Nascente,
Denise Silva Vilela e José Carlos Rothen

Renata Maria Moschen Nascente

Universidade Federal de São Carlos – São Carlos,
SP, Brasil. E-mail: rmmnascente@gmail.com.
ORCID: 0000-0001-9395-3166

Denise Silva Vilela

Universidade Federal de São Carlos – São Carlos,
SP, Brasil. E-mail: denisevilela@ufscar.br.
ORCID: 0000-0003-2973-1301

José Carlos Rothen

Universidade Federal de São Carlos – São Carlos,
SP, Brasil. E-mail: joserothern@gmail.com.
ORCID: 0000-0002-5360-1913

Resumo: O objetivo é analisar o percurso e os desafios encontrados no processo internacionalização do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), entendendo-o como intrínseco à globalização. Tratou-se de uma análise documental, realizada pela Comissão de Internacionalização do próprio Programa, com base nas propostas do Plano Estratégico de Internacionalização desta Universidade e em documentos produzidos pela Comissão no biênio 2018-2019. Os principais desafios encontrados referem-se à necessidade de fortalecimento de políticas de ensino de línguas estrangeiras e à escassez de recursos financeiros e de pessoal, além da necessidade de se conciliar internacionalização e inclusão social.

Palavras-chave: Internacionalização; Programas de Pós-Graduação; Políticas de ensino de línguas; Inclusão social.

Internationalization of the Postgraduate Program in Education (UFSCar): pathways and challenges

Abstract: The goal is to analyze the path and challenges encountered in the internationalization process of the Postgraduate Program in Education of the Federal University of São Carlos (UFSCar), understanding it as intrinsic to globalization. It consisted of a documentary analysis, carried out by the Internationalization Commission of the Program itself, based on the proposals of the Strategic Plan for Internationalization of this university; and on documents produced by the Commission in the 2018-2019 biennium. The main challenges encountered refer to the need to strengthen foreign language teaching policies and the scarcity of financial and personnel resources, in addition to the need to conciliate internationalization and social inclusion.

Keywords: Internationalization; Postgraduate programs; Language teaching policies; Social inclusion.

Internacionalización del Programa de Posgrado en Educación (UFSCar): caminos y desafíos

Resumen: El objetivo es analizar el camino y los desafíos encontrados en el proceso de internacionalización del Programa de Posgrado en Educación de UFSCar, entendiéndolo como intrínseco a la globalización. Fue un análisis documental, realizado por la propia Comisión de Internacionalización del Programa, basado en las propuestas del Plan Estratégico de Internacionalización de esta universidad; y en documentos producidos por la Comisión en el bienio 2018-2019. Los principales desafíos encontrados se refieren a la necesidad de fortalecer las políticas de enseñanza de lenguas extranjeras y la escasez de recursos financieros y de personal, además de la necesidad de conciliar la internacionalización y la inclusión social.

Palabras clave: Internacionalización; Programas de posgrado; Políticas de enseñanza de idiomas; Inclusión social.

Introdução

Segundo Altbach (2004), têm sido produzidas muitas análises sobre o impacto da globalização no meio acadêmico dos mais diferentes países. Se por um lado, pode-se entender que ela, a internet e a comunidade científica conjugadas podem equilibrar os níveis de conhecimento em diferentes áreas, equalizando diferenças entre países com mais ou menos recursos para pesquisa e divulgação, por outro, muitos têm defendido que a ela tem significado tanto a desigualdade mundial como a chamada *McDonaldização* das universidades.

Nesse contexto, faz-se necessário compreender que os diferentes processos de internacionalização dos Programas de Graduação e Pós-Graduação estão intrinsecamente ligados à globalização, que mundialmente atinge as esferas econômica, política, social e cultural. Assim, a internacionalização das universidades brasileiras tem se configurado em uma resposta a esse movimento. Segundo Dias Sobrinho (2009), a consolidação de um modelo convergente para educação superior e a transnacionalização das estruturas pedagógicas, assim como a imposição da competitividade a todo tipo de instituição, são necessárias para sua sobrevivência diante dessa nova realidade mundial.

Entretanto, globalização e internacionalização não são sinônimos (Altbach; Knight, 2007) e, no que se refere à educação superior, a internacionalização tanto pode alimentá-la do conhecimento e dos recursos para a pesquisa, como pode ser um movimento de emancipação acadêmica, não podendo ser eliminada a possibilidade de que essas duas vertentes caminhem juntas com prevalência de uma ou outra em diferentes países e instituições.

Para Luce, Fagundes e Mediel (2016), em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, a internacionalização é um processo desafiador na medida em que deve garantir a soberania da sua própria produção de conhecimento ao mesmo tempo em que essa produção precisa tornar-se parte do debate acadêmico internacional.

De acordo com Soler (2019), muitas universidades em todo o mundo estão ativamente engajadas em processos de internacionalização, especialmente nas áreas de pesquisa e ensino. Nesse sentido, a fluência em idiomas estrangeiros tem um papel central, nem sempre reconhecido e/ou admitido por instituições e programas. Mais especificamente, o autor explicita a controvérsia relativa à fluência em inglês como uma oportunidade ou uma ameaça a outras línguas nos domínios acadêmicos. Para o autor, o inglês não é somente um campo de luta, mas um instrumento, um recurso, que pode ser usado na orientação de seus diferentes usuários ao posicionarem-se nas áreas da pesquisa e do ensino internacional.

Altbach e Knight (2007) corroboram alguns dos pressupostos de Soler (2019), ao considerarem que a internacionalização de instituições de ensino superior, programas e mesmo de docentes e discentes individualmente é constituída de políticas e práticas que objetivam, de alguma forma, lidar com o meio acadêmico que tem se tornado cada vez mais global. Coerentemente com esse quadro, as duas principais motivações para a internacionalização referem-se a uma série de possibilidades de aprimoramento

individual e coletivo nas respectivas áreas de conhecimento de pesquisadores(as), grupos de pesquisa e programas e à aprendizagem de línguas estrangeiras, com destaque para o inglês.

Com base em Soler (2019) e Altbach e Knight (2007), entendemos que há dois aspectos importantes a serem considerados na internacionalização de programas, grupos de pesquisa, pesquisadores(as) e estudantes, no que diz respeito às línguas estrangeiras. Por um lado, para se pleitear algum tipo de intercâmbio internacional, é necessário o conhecimento de alguma língua estrangeira, com destaque para o inglês. Por outro, a internacionalização em si pode ser um caminho para a aprendizagem de línguas estrangeiras. Tendo clareza que a finalidade fundamental da internacionalização é a troca de conhecimentos e experiências para o avanço da ciência planetária, a aprendizagem e fluência em línguas estrangeiras é um desafio importante a ser superado.

Contextualiza-se, assim, este artigo, voltado à análise do processo de Internacionalização do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), câmpus São Carlos, no biênio 2018-2019, no que se refere aos seus percursos e desafios, com destaque para a importância da relação entre internacionalização, alocação de recursos e pessoal, políticas institucionais de ensino de línguas estrangeiras e inclusão social.

O PPGE/UFSCar foi criado em 1975, tendo iniciado suas atividades com um dos primeiros cursos de mestrado do país. Em 1991 foi implantado o curso de Doutorado. Com conceito 5 atribuído pela Capes, o Programa superou, em 2014, a marca de mil trabalhos de conclusão, tendo sido concluídas 800 dissertações de Mestrado e 327 teses de Doutorado. Atualmente, o Programa conta com 62 docentes de diversos departamentos da Universidade e reúne cerca de 340 estudantes de várias regiões do país, muitos deles(as) atuantes tanto na educação básica como no ensino superior (PPGE, 2020).

É importante esclarecer, à guisa ainda de introdução, que o PPGE tem agregado, nos últimos cinco anos, políticas de inclusão adotadas para o ingresso e permanência de estudantes de graduação da UFSCar ao Programa. Essa inovação baseou-se na premissa que o ensino superior brasileiro tem se caracterizado como excludente e que para mudar essa realidade, várias ações foram tomadas pelo governo brasileiro a partir de 2003 (Oliveira; Silva, 2017). Portanto, o Programa viu-se na obrigação de gradativamente implantar estratégias de inclusão econômica e étnico-racial tanto na admissão de estudantes como na alocação de bolsas. O sentido dado à inclusão no Programa se coaduna com o conceito estabelecido por Gomes (2001, p. 9), constituindo-se de “um conjunto de políticas de caráter público ou privado que visa atender a grupos específicos com o intuito de corrigir desvantagens em termos sociais, políticas e econômicas oriundas de processos históricos de discriminação”.

Assim, este artigo refere-se às experiências relativas à Internacionalização do PPGE no biênio 2018-2019, vivenciadas e aqui organizadas, apresentadas e discutidas pela Comissão designada para esse fim pelo colegiado do Programa em 2018. A Comissão tem se dedicado a compreender como tem se configurado a internacionalização no Programa e, nesse processo, tem envidado esforços no sentido de levantar indicadores e propor encaminhamentos para a sua dinamização.

Tendo esclarecido os fundamentos do artigo, cabe explicitar sua organização em torno de alguns eixos de reflexão. Após a introdução, na segunda parte, é analisada a internacionalização do PPGE no contexto do Plano Estratégico de Internacionalização (PEI) da UFSCar (UFSCar, 2018). Na terceira, são analisadas as visões de internacionalização dos(as) docentes do PPGE/UFSCar. Na quarta é delineado o percurso e analisados os desafios para a internacionalização do Programa. Finalmente, nas considerações finais, são indicados alguns encaminhamentos entendidos como promissores no que diz respeito ao avanço da internacionalização do PPGE/UFSCar.

A internacionalização do PPGE no contexto do Plano Estratégico de Internacionalização da UFSCar

A política de internacionalização do ensino superior no Brasil tem respondido a algumas iniciativas congêneres na Europa na década de 1990. Houve um processo da europeização do sistema educacional superior entre os países membros na União Europeia a fim de tornar os sistemas compatíveis entre si para fortalecer o reconhecimento de qualificação e aumentar a competitividade internacional das universidades do bloco. Um de seus objetivos foi favorecer o intercâmbio e incentivar a mobilidade de estudantes e pesquisadores(as) de outros países, inclusive do Brasil (Dias Sobrinho, 2009). Deve-se destacar que vêm avançando os convênios e parcerias entre o nosso país e outros de todos os continentes, além da Europa.

Na perspectiva de irreversibilidade da internacionalização da pesquisa acadêmica, vendo-a como potencialmente benéfica para o avanço do conhecimento em educação, a Comissão primeiramente buscou apropriar-se do PEI da UFSCar 2018-2022 (UFSCar, 2018) para poder analisar e, no que fosse possível, contemplar as diretrizes do documento. O foco dos trabalhos da Comissão recaiu sobre os programas de Pós-Graduação (PPG) sob a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), com especial atenção ao Programa Capes-Print (Brasil, 2017).

O Programa Capes-Print (Brasil, 2017) estava voltado à seleção de projetos institucionais de internacionalização de instituições de Ensino Superior ou de institutos de pesquisa que tivessem ao menos quatro programas de Pós-Graduação (PPG) recomendados pela Capes na avaliação trienal de 2013 e na quadrienal de 2017, entre os quais deveria haver ao menos dois programas com cursos de doutorado. Seus objetivos fundamentais foram: o fomento da internacionalização das instituições por ele contempladas; o estímulo à criação e manutenção de redes internacionais de pesquisa; e o aprimoramento da qualidade de produções acadêmicas dos PPG.

Inicialmente, a Comissão dedicou-se ao estudo do PEI (UFSCar, 2018) para compreender como a UFSCar e o Capes-Print (Brasil, 2017) estavam propondo estratégias de internacionalização aos PPG. Em seguida, ela procurou encontrar pontos em comum entre os objetivos propostos no PEI e os que já vinham sendo elaborados pelo próprio PPGE, para estabelecer uma relação de congruência e coerência que não afastasse o PPGE de sua identidade, mais recentemente marcada pelos esforços de inclusão social por meio de ações afirmativas.

Deve-se esclarecer que a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSCar elaborou o PEI (UFSCar, 2018) ao mesmo tempo em que se organizou para concorrer ao edital n. 41/2017 Capes-Print (Brasil, 2017). Concorreu e conseguiu os recursos que devem movimentar o calendário de Internacionalização da Universidade no período de 2018 a 2022. Destacou-se, nesse processo, a participação ativa do PPGE nas discussões que levaram à elaboração do PEI.

Importa compreender que o PEI tinha como objetivo organizar e dinamizar a internacionalização da Universidade para além Capes-Print (Brasil, 2017), o que indica que não se tratava de um documento provisório, restrito ao quinquênio 2018-2022, mas uma política de longo prazo, com a qual o PPGE parece estar alinhado, isto é, na proposta de ações de internacionalização consistentes e duradouras.

O PEI foi elaborado por um grupo de trabalho composto por “pesquisadores de renome internacional da UFSCar e por membros da equipe de gestão da UFSCar”, visando colaborar “principalmente para ampliar a cultura de internacionalização na universidade” (UFSCar, 2018, p. 6), tendo sido aprovado pelo Conselho Universitário com a missão de “apoiar, expandir, coordenar e consolidar estratégias que aprimorem a internacionalização dos PPG, investindo na formação de discentes, docentes, pesquisadores e suporte técnico para garantir que a produção de conhecimento possa apoiar a sociedade e projetar a universidade no cenário internacional” (UFSCar, 2018, p. 5).

Dos 56 PPG da UFSCar, 25 participam desta proposta, sendo que 11 dos 25 possuem notas seis e sete. Esta diversificação dos programas participantes foi considerada positiva no sentido de colaboração entre os mais experientes e amadurecidos com os demais: “sinergia com PPG experientes e com outros com alta potencialidade de desenvolvimento é um dos pontos fortes identificados nesta proposta” (UFSCar, 2018, p. 5).

Os PPG participantes propuseram projetos que foram aglutinados nos seguintes temas: 1) Materiais estratégicos; 2) Revolução nas indústrias e cidades: indústria 4.0 e as cidades inteligentes; 3) Educação e processos humanos para as transformações sociais; 4) Tecnologias integradas para a saúde: da prevenção à reabilitação; 5) Biodiversidade, funções ecossistêmicas e sustentabilidade.

O PPGE participa do PEI inserindo-se no Tema 3: Educação e processos humanos para as transformações sociais, o mais diretamente ligado às áreas de humanidades e suas interfaces, que aborda as seguintes temáticas:

- 1) Produção de conhecimento e divulgação científica (cultura científica, enraizamento social da ciência, transferência de conhecimento, tecnologia da informação, desenvolvimento de jogos computacionais educacionais – LOA); 2) Novas epistemologias da ciência na formação de cientistas, popularização e educação científica; 3) Equidade no acesso ao ensino e ao conhecimento (relações étnicorraciais, gênero, sexualidades, classe social, acessibilidade, educação especial); 4) Políticas, organização educacional e inclusão (igualdade de oportunidades em educação infantil, educação fundamental, ensino superior, educação profissional); 5) Tecnologias sociais, instrucionais e metodologias de ensino (alfabetização, aprendizagem, formação inicial e continuada de professores, ambientes híbridos de aprendizagem) (UFSCar, 2018, p. 40).

O aporte de recursos para cada um dos cinco temas não é igual, por exemplo, o primeiro deles – Materiais estratégicos –, tem disponível uma verba superior a oito milhões de reais, sendo que aos outros são destinados aportes em torno de quatro milhões. Por outro lado, as atividades e bolsas financiáveis são praticamente as mesmas nos cinco temas, que estão especificadas a seguir com base no terceiro tema no qual o PPGE está integrado (UFSCar, 2018).

Atividades no exterior: a) missões para viabilização de dupla titulação, cotutela e convênios entre a UFSCar e universidades parceiras no exterior; b) participações em congressos e eventos internacionais, com visitas técnicas objetivando a prospecção e consolidação de novas parcerias.

Bolsas no exterior: a) professor visitante sênior; b) professor visitante júnior; c) doutorado-sanduíche; d) capacitação.

Bolsas para pesquisadores(as) estrangeiros(as) e/ou pesquisadores(as) brasileiros(as) que tenham se fixado no exterior: a) professor visitante; b) jovens talentos; c) pós-doutorado vindo do exterior.

O tema Educação e processos humanos para as transformações sociais reúne os seguintes PPG da UFSCar do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH): 1) PPG em Educação; 2) PPG em Educação Especial; 3) PPG em Psicologia; 4) PPG em Sociologia; 5) PPG em Antropologia social; 6) PPG em Filosofia; 7) PPG em Linguística; 8) PPG em Ciências Políticas; 9) PPG em Literatura.

Uma característica do PEI a ser explicitada diz respeito aos critérios de avaliação e referências de indicadores nele contidos, alinhados, segundo o documento, aos indicadores internacionais de excelência acadêmica e científica, estabelecidos no Brasil pela CAPES. Outra característica importante refere-se aos países considerados no documento estratégicos para os processos de internacionalização dos PPGs da UFSCar. Trata-se de países com os quais 69% dos 168 acordos de cooperação acadêmico-científica na UFSCar estavam firmados, a saber: Alemanha (6%), Argentina (6%), Austrália (2%), Canadá (3%), China (2%), Dinamarca (1%), Espanha (14%), Estados Unidos da América (9%), Finlândia (1%), França (10%), Irlanda (1%), Itália (2%), Japão (4%), México (1%), Países Baixos (3%) e Reino Unido (4%) (UFSCar, 2018).

O PEI ressalta ainda que até sua elaboração a UFSCar vinha se empenhando para manter fortes as parcerias em vigência e identificar novas que possibilitassem regimes de cooperação mútua entre instituições estrangeiras e a Universidade, objetivando a agregação de novos conhecimentos e o fortalecimento das pesquisas em andamento. Ficou explicitado ainda que esse movimento vinha ocorrendo de maneira individual entre pesquisadores(as) e grupos de pesquisa.

Nessa perspectiva, as metas apresentadas pelo PEI para todos os PPG da Universidade são as seguintes: 1) atração de mais alunos de pós-graduação estrangeiros: aumentar para 10% o número de alunos estrangeiros; 2) aumentar o número de docentes estrangeiros na UFSCar para 8%; 3) aumentar o número de docentes com experiências de médio e longo período no exterior: ter mais de 60% dos docentes da UFSCar com experiências de média e longa duração no exterior; 4) capacitar os servidores técnico administrativos por meio de intercâmbio no exterior e cursos de línguas na UFSCar: aumentar para 10% o número de servidores com domínio em língua inglesa; 5) aumentar o número de alunos de

doutorado com experiências no exterior em países estratégicos: duplicar o número de alunos para doutorado sanduíche no exterior; 6) ampliar as produções científicas conjuntas com parceiros estratégicos: aumentar em 100% o número de produções científicas conjuntas com parceiros estratégicos e aumentar em 100% o número de disciplinas em outras línguas (UFSCar, 2018).

No que se refere ao PPGE, a Comissão tem entendido que tem havido um esforço do Programa para se alinhar, dentro de suas possibilidades institucionais – bastante limitadas; e, posições políticas centradas na inclusão, às metas propostas pelo PEI. Entendendo que as metas para a internacionalização do PPGE estão em construção, no que se refere o biênio 2018-2019, temos as seguintes: 1) 80% das teses de doutorado contarem com revisão bibliográfica internacional até 2024; 2) todas as linhas de pesquisa do Programa terem pelo menos duas publicações em cada quadriênio em veículos internacionais; 3) participação de cerca de 20% dos(as) docentes em eventos internacionais em cada quadriênio; 4) receber no mínimo 10 professores(as) visitantes em cada quadriênio; 5) realização do número máximo de doutorados sanduíche no exterior em cada quadriênio; 6) regulamentar as atividades dos alunos estrangeiros no Programa (UFSCar, 2018).

Entendemos assim, que há congruência entre as metas estabelecidas pelo PEI (UFSCar, 2018) e as do PPGE no biênio 2018-2019, mas talvez em termos quantitativos elas estejam colocadas em um patamar acima daquele que seria possível alcançar com os recursos materiais e com o pessoal administrativo com os quais o Programa conta.

Tendo estabelecido os aspectos fundamentais da internacionalização do PPGE à luz do PEI, passamos a seguir a analisar as visões de internacionalização dos(as) docentes do Programa.

Visões de internacionalização do PPGE/UFSCar

Em uma segunda etapa de seus trabalhos, a Comissão enviou aos(as) docentes do Programa um questionário com perguntas relativas aos processos de internacionalização nos quais estavam envolvidos(as) e como pensavam ser possível seu avanço individual e do Programa nesses processos. Com base nas respostas dadas, a Comissão convidou nove docentes que considerou mais avançados em termos de internacionalização para compartilhar suas experiências com os(as) demais, o que levou à organização do 1º Seminário de Internacionalização do PPGE/UFSCar, ainda no primeiro semestre de 2019. Além desse compartilhamento, o evento teve como finalidade apresentar os trabalhos da Comissão aos discentes e docentes do Programa e explicitar as especificidades do Capes-Print e das missões de pesquisa (Brasil, 2017).

Há que se compreender que nesse percurso a Comissão tem entendido por internacionalização relações recíprocas entre a UFSCar e universidades estrangeiras parceiras. Em consonância com o PEI, a Comissão tem se baseado na premissa que o PPGE deve apoiar, expandir, coordenar e consolidar estratégias que aprimorem as relações entre o nosso Programa e outros no exterior, voltadas à produção de conhecimentos que possam não apenas dar visibilidade internacional à UFSCar e ao PPGE, mas que contribuam para que tenhamos uma sociedade mais justa e democrática. A Comissão tem trabalhado,

dessa maneira, com pressuposto de que o PPGE se alinha à UFSCar na busca do respeito e comprometimento com o retorno dos investimentos educacionais e científicos para a sociedade.

No primeiro seminário de internacionalização do PPGE/UFSCar algumas visões sobre esse processo foram explicitadas e discutidas. Um primeiro destaque pode ser dado a dois aspectos contraditórios.

O primeiro deles refere-se à clara relevância de trocas de conhecimentos entre diferentes países e culturas para que a produção científica e acadêmica não só cresça, mas que seus resultados possam beneficiar o maior número de pessoas possível no planeta. Assim, a internacionalização seria uma forma de compartilhar e distribuir conhecimentos de forma mais equânime, diminuindo o abismo entre países ricos e pobres, promovendo a justiça social em nível planetário.

O segundo aspecto, que vem na contramão do primeiro, sendo corroborado por Altbach (2004) e Dias Sobrinho (2009), diz respeito à internacionalização da pesquisa em nível de pós-graduação como mais uma estratégia da globalização da economia mundial, direcionada a atender índices estabelecidos por uma economia de mercado voltada ao aumento do consumo e da lucratividade de conglomerados industriais e comerciais.

Levando em consideração esses dois aspectos, a internacionalização dos PPG brasileiros pode ser entendida como processo voltado à aquisição de renome internacional em benefício próprio, envolvendo forte risco de algumas universidades e/ou professores(as) pesquisadores(as) visarem benefícios próprios, excessivamente específicos, vendo novos mercados de alunos(as), sob a pauta da educação como mercadoria. Além disso, há que se considerar a drenagem de investigadores(as) para o exterior decorrente de certos países não oferecerem condições dignas de trabalho aos seus(uas) professores(as) pesquisadores(as), fenômeno dominado pela lógica empresarial conhecido como *Anglo-Saxonization* das universidades (Gonçalves Junior, 2019).

Por outro lado, a internacionalização pode ainda ser compreendida no âmbito da revolução informática atual como uma estratégia para o desenvolvimento da educação, da ciência e da tecnologia, por meio de colaboração e troca de experiências com docentes e professores(as) pesquisadores(as) estrangeiros(as), que exploram essa nova realidade buscando utilizar as potencialidades dos intercâmbios de pessoas, experiências e informações para desenvolver seus padrões internos de ensino e pesquisa e resolver problemas de interesse comum.

Essas visões de docentes podem ser entendidas por meio de Altbach e Knight (2007) que identificam globalização e internacionalização como fenômenos distintos, não deixando de estabelecer certo nível de associação entre eles, isto é, a internacionalização do ensino e da pesquisa em nível superior tem ocorrido no bojo da globalização, mas isso não elimina o potencial da internacionalização para subverter aspectos homogeneizantes e exclusivamente mercadológicos da globalização, por meio da produção de conhecimentos relevantes e imprescindíveis para a humanidade. Essa análise é reforçada por Luce, Fagundes e Mediel (2016), que reconhecem a importância da internacionalização

para o diálogo acadêmico internacional e para garantir a soberania da produção de conhecimento de/em cada país.

Nessa busca de diálogo e afirmação em diversos campos do conhecimento, tem se contextualizado a internacionalização dos PPG, especialmente neste século. Brasil, China e Índia têm sido reconhecidos internacionalmente como potências científicas emergentes. A cooperação acadêmica internacional brasileira tem buscado superar o padrão de cooperação assimétrica, em que países desenvolvidos eram chamados para suprir déficit de recursos humanos das IES de países menos desenvolvidos, para o modelo atual, cada vez mais pautado na simetria de ações.

Em 2011, a presidenta Dilma Rousseff afirmou que o Brasil precisava de trabalhadores(as) qualificados(as) para assegurar o desenvolvimento do país e lançou o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), voltado à “promoção, expansão e internacionalização da ciência, tecnologia, inovação e competitividade, por meio do intercâmbio de estudantes de graduação e pós-graduação e da mobilidade internacional” (Brasil, 2011).

Naquela época, especialistas alertavam sobre a necessidade de diagnóstico junto as IES visando a elaboração de um plano nacional que articularia iniciativas isoladas das IES em uma estratégia sistêmica, pois os dados existentes no país eram incompletos e focados na mobilidade de bolsistas das agências de fomento à pesquisa para o exterior (Brasil, 2011).

A pesquisa realizada por Ramos (2018), com respostas de 66 de 322 Coordenadores de PPG brasileiros de excelência, pode ser entendida como uma contribuição no sentido de sistematizar dados sobre a internacionalização desses programas. Os resultados mais significativos podem ser resumidos da seguinte forma: a) mobilidade para o exterior é o principal mecanismo de experiência internacional, formação de redes e estabelecimento de colaborações internacionais; b) iniciativas para atrair pesquisadores(as) estrangeiros(as) estão ganhando força; c) a presença de docentes formados no exterior, capazes de mobilizar suas redes externas é considerada condição chave para a internacionalização dos PPG; d) falta de uma estratégia nacional e de políticas institucionais adequadas na maioria das IES obstaculizam o desenvolvimento desses laços em um processo mais efetivo.

Ainda, com base em Ramos (2018), apontam-se alguns aspectos a serem estimulados: a) mobilidade acadêmica internacional preocupada com o equilíbrio do fluxo nos dois sentidos: para dentro e para fora do país; b) publicações em revistas e livros internacionais, inclusive em coautoria com colegas estrangeiros(as); c) participação em redes/ associações/ sociedades científicas/ conselhos editoriais de revistas, organizações científicas e profissionais internacionais; d) investimentos em melhoria de conteúdo e produção de versões em distintos idiomas dos sites institucionais.

Devem-se relacionar esses resultados de Ramos (2018) com os do PPGE/UFSCar no quadriênio 2014-2017, a saber: a) foram recebidos 14 professores estrangeiros em visitas breves e estadias mais prolongadas; b) dois pesquisadores estrangeiros realizaram estágio de pós-doutorado junto ao PPGE; c) três estudantes latino-americanos foram atendidos pelo Programa com bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Organização de Estados Americanos (OEA); d)

13 docentes realizaram estágio de pesquisa e/ou atuaram como professores(as) visitantes em universidades no exterior; e) 33 estudantes do PPGE fizeram estágio no exterior (Moraes, 2019).

Entende-se, desta forma, que o PPGE/UFSCar tem envidado esforços e obtido resultados significativos em relação à sua internacionalização, mas que ainda devem ser realizados investimentos no sentido de avançar na aprendizagem de línguas estrangeiras, tanto por parte de discentes como de docentes; fortalecer os grupos de pesquisa; e, reivindicar e buscar financiamento para pesquisas em nível internacional (Gomes; Zuin, 2019).

Apesar desses avanços tanto nas ações como no autoconhecimento do PPGE/UFSCar no que se refere à sua internacionalização, segundo Gonçalves Junior (2019), alguns cuidados importantes devem ser tomados. Eles se referem à atenção aos interesses/ possibilidades de ambos os lados – parceiros devem ser parceiros; à multiplicidade de uso de línguas estrangeiras, não aceitando a predominância exclusiva do inglês; e à identificação dos interesses científicos-sociais-políticos estratégicos do PPGE/UFSCar, para que se possa fortalecer não só o diálogo sul-sul, mas também propiciando a possibilidade de diálogo igualitário sul-norte.

Assim, a visão da internacionalização do PPGE/UFSCar se coloca como atenta ao desenvolvimento humano em nosso país, por meio das mais diversas formas e modalidades de educação, tendo a democracia e a justiça social como princípios fundadores desse processo.

Percurso e desafios da internacionalização do PPGE/UFSCar

O PPGE/UFSCar tem empreendido esforços para ampliar as diversas iniciativas de internacionalização ao longo de sua história, abrangendo o estabelecimento de parcerias e intercâmbios, que têm se desdobrado no desenvolvimento de projetos de investigações, além da constante ênfase na formação de pesquisadores(as). Os desafios nesse percurso têm sido bastante significativos.

Essas ações têm requerido investimentos para que se possa incentivar o envio de pesquisadores(as) e estudantes do Programa para estágios, missões de estudos e atividades no exterior. Assim, os investimentos da CAPES, do CNPq, da FAPESP e, esporadicamente, de outras agências, têm possibilitado a ida de doutorandos para estágios sanduíche no exterior, de docentes e discentes a congressos internacionais e a realização de estágios de pós-doutorado e/ou professor(a) visitante em instituições estrangeiras.

O PPGE tem colhido frutos desses esforços que têm se configurado em diversos projetos de pesquisa baseados em acordos bilaterais e internacionais, na ampliação do número de convênios e intercâmbios com instituições estrangeiras, além do aumento, manutenção e consolidação dos já existentes.

O Programa conta, no âmbito da UFSCar, com apoio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e do Setor de Internacionalização (UFSCar, 2018). Observa-se no PEI um crescimento de novos acordos e convênios internacionais decorrente de estágios de pós-doutoramento, de doutorados sanduíche no exterior e desenvolvimento de pesquisas conjuntas, da publicação em periódicos estrangeiros, capítulos

de livros no exterior e participação de docentes do Programa em eventos internacionais no exterior com publicação de anais e estágios de curta duração.

A Universidade também tem incentivado a realização de estágios de pós-doutorado e/ou professor(a) visitante garantindo a substituição de docentes afastados(as) para capacitação, possibilitando aumento do número de pesquisadores(as) realizando pós-doutoramento no exterior. Além disso, a divulgação das pesquisas em eventos no exterior se expandiu e houve fortalecimento das políticas de acesso aos estudantes estrangeiros no PPGE, especialmente por meio dos editais: Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG (Brasil, 2018a) e *O Programa de Alianzas para la Educación y la Capacitación PAEC OEA-GCUB* (Brasil, 2018b). Também puderam ser acolhidos(as) pesquisadores(as) visitantes por meio do apoio do CNPq, CAPES, FAPESP e financiamento de projetos da União Europeia e acordos como o do Grupo de Montevideo – AUGM.

Tendo apresentado o percurso trilhado pelo PPGE/UFSCar nos últimos anos no sentido de sua internacionalização, analisamos a seguir alguns dos desafios a serem enfrentados pelo Programa nesse processo.

As diferentes dimensões da internacionalização dentro do PPGE

Segundo Altbach e Knight (2007), a política de internacionalização não pode ser um instrumento de coerção de docentes e discentes para que atendam indicadores quantitativos e qualitativos determinados externamente. Ao contrário, ela deve consistir em um instrumento de apoio ao ensino e à pesquisa científica. Nesse sentido, a internacionalização do PPGE/UFSCar tem se caracterizado pelo diálogo interno e com a comunidade científica internacional. Essa relação deve ser de mão dupla e não de subordinação, ou seja, dirige-se no sentido de nos apropriarmos dos conhecimentos produzidos em outros países e de compartilhar os produzidos nacionalmente com eles, em pé de igualdade, pressuposto corroborado por Luce, Fagundes e Mediel (2016) e Oliveira e Silva (2017).

A internacionalização pode ser realizada pela atuação de docentes e de grupos de pesquisa, que muitas vezes antecede e é independente das políticas da UFSCar e do PPGE. Trata-se de uma política de internacionalização baseada nas práticas de docentes consolidados(as) internacionalmente, isto é, a internacionalização de determinados(as) professores(as) e grupos de pesquisa parece ser um processo que se retroalimenta, enquanto a inserção de outros(as) membros(as) do Programa parece não ser tarefa simples, dependendo de esforços ligados não só à aprendizagem de línguas, mas principalmente de financiamento e, também, dificultada pela falta de condições concretas objetivas e subjetivas para se engarem em atividades internacionais.

Essas dificuldades de inserção no contexto internacional de discentes e docentes constitui-se em um dos desafios no processo de internacionalização do PPGE. Nele há pesquisadores e estudantes em diferentes estágios de internacionalização. Para alguns(mas) docentes trata-se de algo incorporado às suas carreiras, grupos de pesquisa e produções. Outros(as), incluindo muitos discentes, encontram-se em estágios intermediários, isto é, almejam internacionalizarem-se e estão trabalhando para isso.

Finalmente, há aqueles(as) cujas pesquisas e produções são geridas e direcionadas ao contexto nacional e até regional, para quem a divulgação de resultados em eventos e periódicos estrangeiros não é uma prioridade.

A Comissão tem considerado este um desafio salutar e profícuo, isto é, atuar em diversas frentes, regional, nacional, em nível de América Latina e mundial enriquece o Programa e expande sua relevância social e acadêmica. Portanto, o Programa, voltado também à inclusão, pode ganhar com essa diversidade de perspectivas profissionais e de pesquisa.

Os desafios evidenciados pelos critérios de avaliação indicadores de processo

Tendo já explicitado um dos desafios no processo de internacionalização do PPGE, isto é, a heterogeneidade de interesses e de produções no que se refere às suas potenciais contribuições, acadêmicas e sociais em níveis regional, nacional e internacional, passamos nesta subseção a elucidar dois outros, relativos aos critérios de avaliação e indicadores de processo.

Os critérios de avaliação do PEI/UFSCar (UFSCar, 2018) podem ser vistos como alinhados aos internacionais, internos e externos às instituições. Esses critérios podem ser utilizados de forma equivocada no sentido de pressionar o corpo docente a buscar resultados que não são genuinamente ligados às nossas necessidades sociais e educacionais. Por outro lado, os resultados das avaliações relativas a processos de internacionalização podem oferecer informações importantes sobre os cursos de ação a serem tomados pelos PPG.

Considerando os indicadores de processo, é relevante destacarmos a realização de pesquisas em parceria com pesquisadores e redes internacionais; o financiamento supranacional de pesquisas e convênios; as participações em eventos internacionais; a associação a entidades científicas internacionais; o envolvimento em grupos de pesquisa em instituições estrangeiras; a realização de doutorados sanduíche e de pós-doutorados e a recepção de docentes e discentes estrangeiros. A esses indicadores podem ser associados os seguintes indicadores de produto: publicações em revistas internacionais conceituadas, possivelmente em coautoria com pesquisadores estrangeiros e o número de citações em artigos publicados no exterior.

Os desafios, tanto quanto aos critérios de avaliação como em relação aos indicadores do processo, residem na necessidade de docentes e discentes do PPGE de elaborar estratégias, planos de ação, enfim, de construir um planejamento coletivo para a internacionalização do Programa com o pouco financiamento para isso na atualidade e a ainda tímida política de ensino de línguas estrangeiras na Universidade, além da falta de tempo dos(as) pesquisadores(as) para investir nessa tarefa. Estando postos esses desafios, a Comissão acredita que seu trabalho pode ser o início da organização do PPGE para uma internacionalização mais abrangente e madura.

O desafio relativo à política de ensino de línguas estrangeiras na UFSCar

Para o estabelecimento de diálogos profícuos entre PPG e grupos de pesquisa em nível internacional, é necessário conhecer e inserir-se nas temáticas e nas abordagens mais recentes em cada campo do conhecimento internacionalmente, bem como apresentar os resultados de pesquisas sobre a realidade brasileira de maneira que seja atraente e interessante para a comunidade internacional.

A realização desses diálogos implica, necessariamente, no uso de idiomas comuns a todas as partes envolvidas. Portanto, entendemos que uma política institucional de internacionalização pressupõe uma política de ensino de línguas estrangeiras e de português para estrangeiros. É corrente a ideia de que o inglês é o principal idioma no diálogo científico e acadêmico internacional (Soler, 2019). Contudo, uma política de estímulo de estudo de línguas não se resume a esta, mas deve abranger diversos idiomas, tantos quantos forem os dos parceiros internacionais do PPGE.

Essa necessidade de fluência em outros idiomas é corroborada pela premissa de que a efetiva internacionalização de um PPG decorre de contatos diretos de longa duração, tais como de doutorado e pós-doutorado, pois, em geral, permitem desenvolver relações mais sólidas e duradouras.

Retomando as metas apresentadas pelo PEI para todos os PPG da Universidade, destacamos a quarta e a quinta, referentes à capacitação de servidores técnico administrativos em intercâmbios no exterior, aumentando assim em 10% o número de servidores com domínio da língua inglesa; e, a duplicação do número de estudantes de doutorado sanduíche nos países estratégicos, que são: Alemanha, Argentina, Austrália, Canadá, China, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Irlanda, Itália, Japão, México, Países Baixos e Reino Unido (UFSCar, 2018).

Em resposta à diversidade de países que poderiam receber estudantes e professores(as) da UFSCar e vice-versa, esta Universidade têm priorizado os idiomas inglês e espanhol, conforme explicitado no sítio do Instituto de Línguas (UFSCar, 2019). No que se refere especificamente ao PPGE, a prioridade tem sido o aumento dos intercâmbios em língua inglesa, sem deixar de lado parcerias já desenvolvidas e futuras com instituições de países falantes de língua portuguesa e espanhola.

A Comissão, com base nas colocações de alguns(as) docentes do Programa durante o seminário, tem entendido que apesar da UFSCar ter uma política de formação nas línguas espanhola e inglesa, essa política de ensino de línguas não tem sido suficiente para sustentar um processo tão robusto de internacionalização como tem sido proposto pelo PEI (UFSCar, 2018). Durante o 1º Seminário de Internacionalização do PPGE, uma das questões mais discutidas foi a de que a falta de fluência intermediária, mormente em inglês, por parte de discentes e docentes do Programa, tem sido um empecilho para que se possam estabelecer relações, acordos, parcerias e/ou convênios para realização de estágios no exterior, de curta, média e/ou longa duração. Isso sem falar de outros idiomas importantes na área de Educação, tais quais o francês, o italiano e o alemão, que não fazem parte da oferta de cursos do Instituto de Línguas desta Universidade (UFSCar, 2019). Ressalta-se que o Instituto oferece cursos de português para estrangeiros, o que é fundamental para a viabilização da vinda e permanência de docentes e discentes de universidades estrangeiras na UFSCar.

Assim, entendemos que uma universidade ao se engajar em processos de internacionalização deve, como uma de suas medidas prioritárias, ter uma política consistente e duradoura de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, argumento corroborado por Sousa (2017, p. 109), que afirma essa essencialidade “por ser a língua a ferramenta que possibilita trocas entre pessoas em situação de mobilidade”.

No que se refere especificamente à língua inglesa, Amorim e Finardi (2017), em estudo realizado sobre uma universidade federal brasileira, afirmam que há evidências nos níveis micro, meso e macro de que a internacionalização “afeta e é afetada pela globalização onde o inglês tem um papel diferenciado dos outros idiomas”, concluindo que as “línguas estrangeiras em geral e o inglês em particular são essenciais para o pleno desenvolvimento do processo de internacionalização que, ainda é limitado e desarticulado de políticas linguísticas e educacionais de base” (Amorim; Finardi, 2017, p. 614).

Essa análise reflete a situação vivenciada hoje na UFSCar e no PPGE, anseia-se pela internacionalização, mas a aprendizagem efetiva de línguas estrangeiras, com destaque para o inglês, tem se constituído, talvez, em um dos maiores desafios para efetivação desse processo. É importante enfatizar ainda, de acordo com Soler (2019), que nossa visão sobre a fluência em língua inglesa em processos de internacionalização de pesquisa e ensino de Pós-Graduação indica essa língua como um instrumento de emancipação social em nível planetário, ainda como a reconheça como língua franca da globalização.

O desafio de conciliar internacionalização e inclusão

Entendendo inclusão segundo a visão de Gomes (2001), como políticas que visam atender grupos específicos de pessoas que têm sofrido discriminação em nosso país ao longo de sua história. Especificamente em relação ao PPGE, as propostas de internacionalização apresentadas no PEI (UFSCar, 2018) são potencialmente contraditórias à política de inclusão vigente no Programa. A valorização do inglês e de línguas europeias, assim como o incentivo ao intercâmbio com países ricos, pode não favorecer os(as) discentes que vêm ingressando no Programa por meio de reservas de vagas, ou seja, estudantes negros(as), indígenas e/ou provenientes das famílias de baixa renda. Portanto, parece haver uma contradição imanente entre internacionalização, nos termos propostos no PEI, e a ampla inclusão que vem sendo adotada pelo PPGE.

No que se refere ao desafio de equacionar internacionalização e inclusão no PPGE, a Comissão tem entendido que um curso de ação importante a ser tomado refere-se ao aprimoramento de todos(as) os(as) estudantes do Programa em suas produções oral e textual dentro dos parâmetros da norma culta da língua portuguesa, que é condição básica tanto para a produção de dissertações e teses como para a publicação de artigos e apresentações em congressos no país.

Concomitantemente a essa ação, considerando que estudantes que entraram no PPGE por meio das ações afirmativas provavelmente não tiveram as mesmas oportunidades dos(as) que entraram por meio da livre concorrência de aprender línguas estrangeiras, a proposta do Programa seria reverter essa

defasagem pelos meios possíveis, inclusive pelas oportunidades criadas pela internacionalização, estimulando intercâmbios com países africanos e da América Latina.

Não se pode deixar de mencionar que o PPGE e o Instituto de Línguas (UFSCar, 2019) caminham juntos no que se refere a uma internacionalização pautada na inclusão. No PPGE, tem se praticado a política de reservas de vagas e de concessão de bolsas de programa com base em critérios socioeconômicos e étnico-raciais. O Instituto, por sua vez, oferece cursos de Libras e de línguas indígenas, além de contar com turmas específicas de inglês para atender estudantes indígenas.

Assim, a Comissão tem compreendido que apesar das significativas diferenças entre os objetivos da internacionalização e da inclusão, como processos que estão sendo engendrados concomitantemente no PPGE, o Programa tem envidado esforços coletivos no sentido de encontrar denominadores comuns a essas duas agendas, que se colocam como obrigatórias no contexto político e institucional atual.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo relatar e analisar as experiências relativas à Internacionalização do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSCar. Ficou configurado que esse percurso tem sido permeado por diversos desafios, com destaque para o problema relativo a aprendizagem de línguas estrangeiras por discentes e docentes, ao menos em nível intermediário, para que se possibilitem suas inserções na produção acadêmica internacional. Há ainda os seguintes desafios: fortalecer os grupos de pesquisa e reivindicar e buscar financiamento para investigações em nível internacional.

Também ficou claro que há congruência entre as metas estabelecidas pelo PEI (UFSCar, 2018) e as do PPGE, mas que talvez em termos quantitativos elas estejam colocadas em um patamar acima daquele que seria possível alcançar com os recursos materiais e com o pessoal administrativo com os quais o Programa conta.

Quanto às visões dos(as) docentes sobre a internacionalização do Programa, destacou-se o risco desse processo alimentar uma lógica de produtividade, própria do capitalismo contemporâneo, na qual o que importa é o que determinadas instituições e pesquisadores(as) têm a ganhar em termos de prestígio e financeiramente com determinados intercâmbios e pesquisas, entendendo que, no mundo acadêmico, prestígio e financiamento caminham juntos.

Para além desse raciocínio, deve-se compreender a evasão de pesquisadores(as) de países periféricos para os países do centro, em função da falta de condições de pesquisa nos primeiros. Um desafio nesse contexto é cuidar para que as parcerias entre universidades de diferentes países sejam igualitárias, não baseadas em relações de subordinação. Uma delas é a predominância exclusiva do inglês como língua franca dos intercâmbios internacionais. Também é desafio para o PPGE estabelecer claramente suas prioridades de pesquisas e fortalecer o diálogo não só na perspectiva sul-sul, mas também sul-norte, em condições de igualdade.

Outro desafio fundamental para o PPGE tem sido conciliar o binômio internacionalização-inclusão. Apesar de serem ações intrinsecamente diversas e por muitos concebidos como opostas, a Comissão

tem observado um notável esforço no encaminhamento paralelo dos dois processos. Mais especificamente, o desafio é fazer a internacionalização do Programa sem abrir mão da inclusão.

A Comissão, ao elaborar este artigo, não pretendeu esgotar a discussão sobre a internacionalização do PPGE/UFSCar, mas, ao contrário, organizar um relato analítico do percurso até aqui percorrido e dos desafios a serem enfrentados para que esse processo ocorra de maneira a aprimorar a pesquisa e a docência no Programa e dar retorno à sociedade com base nos conhecimentos nele produzidos.

Referências

- ALTBACH, Philip. Globalization and the university: myths and realities in the Unequal World. *Tertiary Education and Management*, n. 10, p. 3-25, 2004.
- ALTBACH, Philip; KNIGHT, Jane. The internationalization of higher education: motivations and realities. *Journal of Studies in International Education*, n. 3/4, p. 290-305, 2007.
- AMORIM, Gabriel Brito; FINARDI, Kyria Rebeca. Internacionalização do ensino superior e línguas estrangeiras: evidências de um estudo de caso nos níveis micro, meso e macro. *Avaliação*, v. 22, n. 3, p. 614-632, nov. 2017.
- BRASIL. Programa Ciência sem Fronteiras. *Ciências sem Fronteiras*. 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3apHWr6>>. Acesso em: 26 set. 2019.
- BRASIL. *Programa Institucional de Internacionalização*: Capes-Print edital n. 41/2017. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação. *Fundação CAPES*. 04 set. 2018a. Disponível em: <<https://bit.ly/2RUxVvJ>>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- BRASIL. PAC – OEA – GCUB. *UFSCar*. 2018b. Disponível em: <<https://bit.ly/3brm5kr>>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- DIAS SOBRINHO, José. O processo de Bolonha. In: PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de (Orgs.). *Universidade contemporânea: políticas do processo de Bolonha*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 129-152.
- GOMES, Joaquim Barbosa. O debate constitucional sobre as ações afirmativas. *Revistas de Direitos Difusos*, v. 2, n. 9, p. 1.133-1.163, out. 2001.
- GOMES, Luiz Roberto; ZUIN, Antonio Álvaro. *Palestra*. In: Seminário de Internacionalização do PPGE/UFSCar. São Carlos: UFSCar, 13 jun. 2019.
- GONÇALVES JUNIOR, Luiz. *Palestra*. In: Seminário de Internacionalização do PPGE/UFSCar. São Carlos: UFSCar, 13 jun. 2019.
- LUCE, Maria Beatriz; FAGUNDES, Caterine Vila; MEDIEL, Olga González. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. *Avaliação*, v. 21, n. 2, p. 317-340, 2016.
- MORAES, Rosa Maria. *Palestra*. In: Seminário de Internacionalização do PPGE/UFSCar. São Carlos: UFSCar, 13 jun. 2019.
- OLIVEIRA, Anandra Santos Ribeiro; SILVA, Ivair Ramos. Políticas de inclusão social no ensino superior brasileiro: um estudo sobre o perfil socioeconômico de estudantes nos anos 2010 a 2012. *Educação em Revista*, v. 33, p. 1-28, 2017.
- PPGE. Estrutura. *UFSCar*. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3cCGvHF>>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- RAMOS, Milena. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. *Educação e Pesquisa*, v. 44, p. 1-22, 2018.
- SOLER, Josep. *Language policy and the internationalization of universities: a focus on Estonian higher education*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2019.
- SOUSA, Claudemir. O discurso de internacionalização da educação superior no Brasil e seu impacto no ensino de língua e cultura. *Littera Online*, v. 8, n. 14, p. 93-111, 2017.

UFSCAR. *Plano estratégico de internacionalização da UFSCar*: desenvolvendo conhecimento global e cultivando competências interculturais. São Carlos: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSCar, 2018.

UFSCAR. Instituto de Línguas da UFSCar. *UFSCar*. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2Vp6Oew>>. Acesso em: 13 fev. 2020.